É PRECISO RECUPERAR A NARRATIVA EM TEMAS DO AGRO

PLINIO M. NASTARI*

Apesar de o Brasil ter alcançado padrões avançados de produção sustentável em diversos setores, ainda não consegue ser visto como um produtor sustentável, mesmo sendo um dos maiores fornecedores em volume de alimentos para o mundo.

EMBORA DESEMPENHE papel de protagonista na segurança alimentar global, o Brasil tem perdido a narrativa sobre a produção agropecuária sustentável e não tem participado da construção das normativas em torno de um novo arranjo para o comércio global desses produtos. Mesmo preservando mais de 66% do seu território conforme dados da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) referendados pela agência espacial dos Estados Unidos (NASA, na sigla em inglês), mesmo usando somente 7,8% de toda a sua extensão para cultivo agrícola e mesmo tendo alcançado padrões avançados de produção sustentável em diversos setores de importância substancial na produção agropecuária, o País não consegue ser visto como um produtor sustentável, embora seja um dos maiores fornecedores em volume de alimentos para o mundo.

Em uma economia globalizada, quem detém a narrativa tem vantagem competitiva sobre os demais. No caso da agricultura, a narrativa, via de regra, tem se centrado nos países-membros da União Europeia, com a qual o Brasil tem laços culturais e tradição de comércio.

No entanto, não é raro que posições conflituosas sejam levantadas, sem uma avaliação mais profunda sobre as reais causas que afligem as distorções que ainda restam combater. A narrativa, muitas vezes, vem prejudicar a imagem da atividade agrícola brasileira, mesmo com dados provando o contrário. A situação torna-se mais desafiadora quando se avaliam as normativas já estabelecidas e que se desenham para o futuro, que não levam em conta as especificidades da agricultura e as práticas de produção em vigor no Brasil.

Por isso, há a urgente necessidade de que sejam adotados critérios de certificação para a produção nacional que levem em conta as características específicas da agricultura tropical aqui desenvolvida com inegável e reconhecido sucesso, adaptando métricas e metodologias à realidade do nosso País com base em ciência de vanguarda, para que se consiga legitimar o que é aqui produzido.

Para reverter esse quadro, o trabalho deve começar no nosso quintal. Apesar de uma grande parte dos agricultores brasileiros seguir à risca o Código Florestal, reconhecido como o mais rigoroso do mundo, a vilanização do setor deve-se, também, a uma falha na comunicação, sobretudo com aqueles que vivem em grandes centros urbanos e desconhecem a verdadeira realidade da agricultura praticada no território nacional.

O dever de casa passa pelo trabalho educativo de crianças e adultos para mostrar que a principal atividade da economia brasileira segue rigorosos critérios de sustentabilidade e que as principais regiões produtoras não estão no bioma amazônico ou em qualquer outro bioma protegido. A imprensa também tem uma atuação crucial nesse processo, principalmente a não especializada, cuja abrangência maior é de fundamental importância para levar a mensagem para milhões de brasileiros e aproximar cada vez mais o campo da cidade.

Os desafios são grandes. Nesse contexto, um dos erros é a autocomunicação, ou seja, estamos, durante a maior parte do tempo, falando para nós mesmos. Chegar ao grande público de forma clara deve ser um dos objetivos centrais do setor, que, muitas vezes, peca na dosagem e acaba transformando o debate em um embate entre ambientalistas e produtores, o que definitivamente não é o caminho. É preciso mostrar de forma definitiva que agricultura e sustentabilidade andam juntas em prol do desenvolvimento econômico e social do País.

Devemos realçar que, além de alimento de qualidade, a nossa agricultura produz energia limpa, o que a coloca muito à frente das demais nas discussões acerca da descarbonização.

Feita a lição de casa, cabe às entidades representativas mostrar para o mundo todas as iniciativas, muitas delas de vanguarda, já adotadas aqui. Como supridores de alimentos por excelência, temos por competência a necessidade de tomar de volta a narrativa e participar de forma ativa e construtiva na feitura da normativa atualmente em discussão na agricultura. Devemos nos preocupar não só em prover alimento em volume, mas com a valorização que merece pelos elevados padrões de sustentabilidade já alcançados e em crescente evolução. ■

*Doutor em Economia Agrícola e presidente da DATAGRO